

MARÉ VIVA

Director: VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 60 — Preço 3\$50 — 1/9/77

TERRORISMO em S. Paio de Oleiros

21 de Agosto. Domingo que, em S. Paio de Oleiros, deveria ser de festa, justificada pela alegria da amizade, pela reunião dos familiares, pela visita dos emigrantes, pelas possibilidades de diversão dos mais jovens e, por outro lado, de reflexão séria especialmente para os católicos, que iriam invocar a Senhora da Saúde.

Teria sido tudo isto se uma comissão de festas e outras forças a ela conluídas não teimassem em misturar o religioso com o pagão e, de abuso em abuso, se não tivessem servido de oleirenses e forasteiros para atingir objectivos bem diferentes.

Ordenado pelo Bispo, o encerramento das cerimónias religiosas, com o fim de evitar o prosseguimento de tropelias e profanações em série, foi pretexto para que as referidas forças, incriminando o pároco de estar contra a festa, tivessem accionado o seu plano de destruição, que devem ter pensado executar até às últimas consequências.

Assim, pouco depois das 17 horas e na ausência do pároco, era violado o seu domicílio, que num ápice se viu despojado de todo o seu recheio, tudo isto a cargo de alguns indivíduos já referenciados e da confiança da citada comissão de festas.

Sem que houvesse a mínima intervenção policial, os haveres paroquiais foram deixados a saque, vendidos em leilão ou reunidos no exterior para serem devorados pelo fogo.

Onde terminará a sanha destes que se afirmam católicos e são ao mesmo tempo incendiários e piratas?

Antecedentes — Como é sabido a equipa pastoral de Lourosa, Mozeiros e Oleiros, a residir nesta última freguesia, tem pretendido desde o início da sua actividade, abrir o campo de visão dos seus paroquianos para uma Igreja menos apegada a fórmulas exteriores e mais debruçada sobre o homem e os seus problemas. Ao tentar esta renovação, que desde o Concílio Vaticano II vem sacudindo a Igreja, os três párocos, têm manifestado extremo cuidado em ir pondo ao corrente do seu trabalho os seus superiores eclesásticos.

Isso mesmo fizeram em relação ao já longo diferendo que os opõe a eles e aos cristãos praticantes da paróquia contra a comissão de festas de N. S. da Saúde, que o pároco nunca reconheceu, como é seu direito, para assuntos relacionados com a festa religiosa. Pretendia, assim, demarcar a fronteira entre o religioso e o profano, como manda a Igreja e é já uso em todas as terras civilizadas, para mutuamente se evitar ingerências estranhas.

A comissão de festas, que teve

continua na página 3

DE SEMANA A SEMANA

O SEGUNDO PACOTE

As medidas do 2.º «pacote», agora anunciadas, não vão, na nossa opinião, e a avaliar até pelos resultados negativos das medidas do «pacote» de Fevereiro, contribuir visivelmente para uma diminuição do défice da balança de pagamentos, considerada condição da nossa sobrevivência.

Isto é tanto mais grave quanto é certo que, conforme o afirmaram peremptoriamente os Ministros do Plano e das Finanças, o País tem, necessariamente, de baixar o seu gasto mensal de divisas de três milhões e setecentos mil contos para um milhão e seiscentos mil.

E porque não servem as medidas preconizadas para atingir este objectivo considerado inadiável? Muito simplesmente porque não conduzem concreta e insofismavelmente:

1. A eliminação rigorosa de todas as importações supérfluas e de todos os gastos dispensáveis efectuados no estrangeiro (mesmo que o sejam pelo sr. Primeiro-Ministro).

2. A substituição acelerada de produtos importados por produtos nacionais.

Isto implica a eliminação de muitas situações ou hipóteses de privilégio? É nossa opinião que todos devem fazer sacrifícios. Implica, por outro lado, um grande aumento da produção que o Governo, inexplicavelmente, resolveu travar (como expressamente confessou), em vez de incrementar e disciplinar.

Há que acrescentar que o aumento da produção depende hoje, por variadas razões, em excepcional medida, duma condição muito simples que a prática política do Governo tem demonstrado desconhecer: a participação e o empenhamento total dos trabalhadores nas tarefas que lhes estão confiadas. Ora, os trabalhadores portugueses não têm razões, para estarem satisfeitos com o modo como se pretende fazer a recuperação da nossa economia. Daí que não estejam motivados para se empenharem decididamente nas tarefas inadiáveis da reconstrução do País.

continua na página 4

MOÇAMBIQUE: VERDADES E MENTIRAS

A vida nova encetada pelos novos países de expressão portuguesa após a independência tem sido alvo da maior especulação, tanto a nível dos órgãos de informação como nas conversas de café. Esta campanha de desinformação tem objectivos políticos muito concretos. Também neste caso os nossos cidadãos, sobretudo os retornados fun-

cionam como alvo e fonte dessa desinformação mas, afinal, toda a população segue com expectativa o que vai sucedendo nesses países e vai ficando envolvida na confusão cujos frutos se vê facilmente a quem aproveitam.

O contacto com alguém que continua a viver em Moçambique, é uma oportunidade de desintoxicação que o «Maré Viva» não

poderia negar aos seus leitores Luís Mota de Castro, Economista, ligado a Espinho - aqui viveu vários anos tendo estudado no velho Colégio de S. Luís. Actualmente professor na Faculdade de Economia da U. de Maputo, dispôs-se a transmitir-nos as suas impressões pessoais sobre o processo moçambicano, no desejo de repor

continua na página 5

PARQUE INFANTIL em funcionamento

Já várias vezes aqui focamos o Parque Infantil João de Deus, criticando várias anomalias que encontramos no seu funcionamento. Uma delas foi a sua abertura tardia e o não funcionamento durante o Inverno em dias de bom tempo.

Pois bem, o Parque já está em funcionamento há algum tempo e quisemos ouvir as opiniões dos seus utentes.

Numa manhã de excelente

continua na página 5





NOTÍCIAS

O Hospital regista melhoras

Duas semanas atrás alertávamos os nossos leitores para a situação em que estava a cair o hospital de Espinho, a braços com uma crise económica causada, sobretudo, pelo não pagamento das dívidas contraídas junto do hospital pelos Serviços Médico-Sociais e cujo montante se eleva a 8.000 contos. Podemos hoje informar que parte dessa dívida, até um total de cerca de 3.500 contos, se encontra já saldada.

A situação é, portanto, melhor neste momento, o que é ainda reforçado pelo aumento do subsídio para pagamentos dos vencimentos, que passou de 377 para 590 contos. Com tudo isto, o ambiente que se respira no hospital é agora de maior confiança, crendo-se que, para já, estará fora de hipótese a eventual suspensão dos tratamentos a doentes por falta das necessárias condições materiais.

DESASTRE EM PASSAGEM DE NÍVEL

Na passada semana, mais um choque entre um automóvel e um comboio veio aumentar a lista das muitas ocorrências semelhantes que se têm verificado na passagem de nível junto ao apeadeiro de Silvalde.

Desta vez, e além da inevitável destruição do automóvel, há a registar ferimentos de gravidade em quatro dos cinco ocupantes do veículo, que, só por boa dose de sorte, não pereceram no acidente. As vítimas foram prontamente tratadas no hospital de Espinho, onde lhes foi prestado todo o socorro possível, seguindo posteriormente para o hospital de Santo António.

COMPLEXO ESCOLAR ADJUDICADO

Há já bastante tempo que está prevista a construção, junto do futuro Salão Paroquial, de um complexo escolar e desportivo, para o ensino primário, constituído por um edifício de 8 salas de aula, biblioteca polivalente e cantina.

Os trâmites burocráticos levam o seu tempo, por vezes muito tempo mesmo, mas um dia lá vem quando vem, a notícia de que, finalmente, a obra vai começar. É precisamente isso que noticiamos hoje: está para breve o início da construção do referido complexo escolar e desportivo. A respectiva empreitada foi adjudicada, pela verba de 17.830.495\$00, e é de crer que dentro em pouco se assista ao crescimento paralelo do Salão Paroquial e deste complexo, duas obras de grande interesse para a população da cidade.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Reuniu mais uma vez, no passado dia 19 de Agosto, a Assembleia Municipal em sessão extraordinária, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Informações.
- 2 — Apreciação e localização do parque desportivo.
- 3 — Discussão e aprovação da Postura Municipal de Trânsito.

Por falta devidamente justificada do seu Presidente, Avelino Zenha, os trabalhos foram conduzidos pelo primeiro secretário, Madureira Gil. Após a discussão e aprovação da acta da reunião anterior, deu-se início a um período de antes da ordem do dia em que foi salientado o estado calamitoso das ruas 4 e 19 pelas obras de ampliação do Casino. Para além de estar o escoamento de águas a ser efectuado para a via pública, o que aliás era de fácil solução, bastando para tal aumentar a conduta até ao mar, verifica-se um perigoso aluimento na rua 4. Quanto a esta questão o Presidente da Câmara, Artur Bártolo, esclareceu que existiam contactos regulares entre a Câmara e o empreiteiro encarregado da obra e que este justificou a actual situação por atrasos nas obras a que era alheio. Daí que o prazo que a Câmara tinha acordado para ocupação da via pública (até ao fim de Julho) tenha sido ultrapassado. Achando que este esclarecimento não ia ao fundo da questão, um elemento da FEPU colocou-a de uma maneira muito concreta: se o Casino deveria estar ao serviço do povo de Espinho ou se, pelo contrário, era o povo de Espinho que estaria ao serviço do Casino, o que parecia estar a acontecer. Referiu-se o facto de ser inconcebível que uma estrutura particular acabe pura e simplesmente com um troço da via pública (na rua 6) que, pelas condições locais de trânsito era de grande importância. Pôs-se ainda o problema de a exploração desenfiada do jogo ser ou não compatível com o socialismo que queremos construir e se não seria possível passar a Câmara a deter esse meio de ganhar dinheiro para empregar racionalmente em benefício da população. Respondeu o sr. Artur Bártolo que a Câmara não pode interferir directamente na Solverde, empresa concessionária do Casino. Esta explora o jogo mediante um acordo com o Estado, dispondo a Câmara, para empregar em obras de valorização turística, de 25% do total do imposto do jogo. Este ano os 25% representam 11.250 contos, que serão gastos na totalidade com o novo parque de campismo.

Ainda no período de antes da ordem do dia, foi alertada a assembleia para o facto de se encontrarem em Guetim uma série de casas, praticamente sem luz eléctrica, devido a deficiências nos sistemas de distribuição.

HABITAÇÕES SOCIAIS

Após pedido de esclarecimento quanto a este assunto, forneceu a Câmara alguns dados sobre a situação das habitações sociais em construção.

1 — Empreendimento da Ponte de Anta. É constituído por casas

para arrendamento. Será aberto concurso que atenderá ao rendimento do agregado familiar, número de pessoas que o constituem, estado de habitação actual.

2 — Casas sociais da Caixa Geral de Depósitos (bloco da rua 16). Serão atribuídas a funcionários públicos mediante concurso a definir pela Caixa Geral de Depósitos.

3 — Casas pré-fabricadas em Silvalde. A atribuir mediante concurso da responsabilidade da C.A.R. (Comissão para o Alojamento de Retornados) sendo 10 para retornados e 7 para habitantes da região. Desconhece-se o regime de pagamento.

Não foi avançado mais nada em relação ao projecto de habitações sociais a instalar na chamada quinta de Constante Pereira. Encara-se entretanto a possibilidade de construção pela Câmara de casas para venda com facilidades de crédito.

PARQUE DE CAMPISMO PODE AVANÇAR

Segundo informação prestada pelo Presidente da Câmara, foi já autorizada pelos serviços competentes a compra dos terrenos com vista à instalação do novo parque de campismo. Entretanto foi já organizado um processo contendo memória descritiva, planta e localização, saneamento e infraestruturas, para apreciação e aprovação da Direcção-Geral de Turismo, o que permitirá o arranque do projecto propriamente dito. A área do terreno a ocupar pelo parque de campismo, contíguo ao Parque Municipal, foi aumentada de 30.000m² para 59.000m².

APROVADA A LOCALIZAÇÃO DO COMPLEXO DESPORTIVO

Decidiu a Assembleia Municipal acordar com a construção do Parque Desportivo na zona de Guimbra, rejeitando-se assim, por falta de condições, a zona sudoeste da Carreira de Tiro e o Carvalhal de Baixo. Foi levantado o facto de não haver uma informação correcta que permitisse um juízo efectivo do local mais indicado, uma vez que a Câmara só forneceu uma planta, precisamente da zona da Guimbra.

O presidente da Câmara, aproveitou para salientar a impossibilidade de alteração do plano, só possível por interferência directa do ministério competente, limitando-se a Assembleia Municipal a dar o seu parecer.

NOVA POSTURA DE TRANSITO

Foi apreciada a nova postura de trânsito, segundo o texto apresentado pelo grupo de trabalho que se debruçou sobre essa questão, acrescentada de um ponto que obriga a sua revisão após 6 meses. A nova postura incluiu a limitação a um só sentido (Potente-Nascente) na rua 23, o que permitirá o estacionamento nos dois lados.

Pensa-se que a postura entrará em vigor daqui a aproximadamente 3 meses, devido sobretudo aos escassos meios humanos que possui a Câmara e a ser necessário para a pôr em prática, um grande número de novos sinais.

Mare Viva

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

Agostinho Chaves, Ana Maria, Antero Monteiro, António Letra, António Santos, Augusto Mota, João Barrosa, José Cruz, Morais Gaio e Victor Sousa.

Colaboração Especial:

Alberto Barbosa, Carlos Pinhão e João Martins.

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director:
VICTOR SOUSA

Redacção:
RUA 62 N.º 251-1.º
TEL. 921621 — ESPINHO



S. PEDRO

Dia 1, quinta-feira

«Taxi Driver»

Para maiores de 13 anos

«Nas ruas de uma grande cidade norte-americana, um chauffeur de táxi, homem perdido e solitário, enfrenta uma sociedade de feroz competição (política, económica, social, de consumo, etc) para a qual não está preparado. E a ruptura explode em violência. Um filme inquietante, trágico que desce ao inferno e nele se consome. Martin Scorsese brilhante! Robert De Niro notável e Cybil Sheferd, belíssima. Não esquecer ainda os doze anos de Jodie Foster, a revelar um futuro promissor. Indispensável!» (Lauro António, in «Opção»).

Dia 2, sexta-feira

Mckee — Um detective acima da lei»

Para maiores de 18 anos

Uma daquelas pretensiosas películas recheada até às costuras de industriais doses de violência! Quase repugnante!

Dia 3, sábado

«Desafio à coragem

Para maiores de 18 anos

E preciso coragem para tudo, até para se ir ao cinema! Ignore!

Dia 4, domingo

«Batatas e Barraqueiros»

Para maiores de 13 anos

Se isto é cinema, eu sou egípcio!

Dia 5, segunda-feira

«Um Dia de Cão»

Para maiores de 18 anos

Um filme de Sidney Lumett com interpretação de qualidade por parte de Al Pacino. Um argumento policial, a angústia dum homem perseguido, numa obra de apreciável qualidade! Pode ir ao cinema!

Dia 6, terça-feira

«Ouro»

Para maiores de 18 anos

Pois, pois, o pior são as reservas do Banco Nacional que se vão esgotando! E não há «convergência» que as salve!

Dia 7, quarta-feira

«Juntos são Dinamite»

Para maiores de 13 anos

Abundantes cenas de espalhafatosa pancadaria, num filme que apenas pretende ser uma boa fonte de receita. Se não tiver mais nada que fazer!

CASINO

Dia 1, quinta-feira

«O Grande Duelo»

Para maiores de 10 anos

Um «Western» italiano tão intrigante que dispensa os nossos comentários!

Dia 2, 3 e 4, sexta-feira, sábado e domingo

«Professor na cama»

Para maiores de 18 anos

O que eles hão-de inventar para ganhar boas maquiagens! Não hesite, vá a todo o lado menos ao cinema.

continua na página 6

TERRORISMO em S. Paio de Oleiros

continuação da página 1

quase um ano para se habituar à ideia, dominada pela figura casmurra e boçal do sr. António Seixas, não teve, porém, capacidade para entender a justeza do caminho certo.

Dai até à mentira era um salto de pulga. E caiu-se então na calúnia e inventou-se a alergia dos padres pelas festividades do povo, quando ainda há dias eles mesmos fizeram uma oferta em dinheiro para uma festa civil em Lourosa.

Entretanto, o pároco preparava a festa religiosa, tendo nomeado uma comissão para o efeito. Nos últimos dias, contudo, a comissão civil vendeu cera, violou a igreja e levou santos e andores com a intenção clara de se intrometer nos assuntos que só à paróquia diziam respeito.

Dai a determinação do Senhor Bispo do Porto, ordenando que, no domingo da festa, o pároco, concluída a missa das 7 horas da manhã, desse ali por findas as cerimónias religiosas. Foi o que se fez.

A Telemissa — Continuando a imiscuir-se nos assuntos religiosos, a comissão de festas percorreu, desesperada, quilómetros e quilómetros à procura de um celebrante para a sua missa festiva. Como nem sequer conseguiu aliciar sacerdotes amigos (que passaram a ser tidos como comunistas!), teve que contentar-se com ir ver televisão para a igreja. Dizem que houve respeito e recolhimento. No entanto, a homilia televisiva deveria ter-lhes dado que pensar. Bastariam estas duas frases: «Ser cristão e dizer-se cristão não é a mesma coisa... Afastai-vos de Mim, vós todos que praticais a Injustiça».

E possível, porém, que todo esse recolhimento escondesse, nalguns casos, pensamento turvos e planos sujos para a tarde...

«Ide em paz e o Senhor vos acompanhe» — e lá saíram esquecidos da paz e da companhia de Cristo.

A procissão da Senhora ou dos senhores? — Sairam para organizar a procissão costumeira, que desta vez não teve tantas ruas atapetadas nem tantas colgaduras nas janelas. Sairam para exibir os andores dos santos roubados na igreja, como se, levando-os para casa, garantissem a entrada no céu. Sairam para desfilar, comandados, desta vez não

pelos cavalos, mas pelas piruetas da fanfarrinha em malabarismos de baquetas (religião também é circo, como pode ser tourada ou desafio de futebol!). Sairam com bandeiras cujos portadores em nada representavam os organismos figurados. Sairam com várias Nossas-Senhoras, que quantas mais tivémos mais céus ganhámos! Sairam os santinhos que, ao que parece, empurram os exploradores pela porta dentro do paraíso e deixam os humildes cá fora, à chuva! Saiu o pálio, mesmo sem Santíssimo, mesmo sem os sacerdotes, pois já santíssimos são os que sob ele se abrigavam... para não crestarem ao sol violento. Sairam os senhores, bem nos seus lugares de destaque, a exibir a sua força bem patente no séquito dos escravos, como fazem os governantes ao fazerem desfilar os carros de combate. E os escravos seguiam-nos, subjugados ao peso dos andores ou simplesmente amarrados aos terços a implorar a saúde dos dominadores. O cortejo entredesco completava-se com opas, anjinhos e com a banda a passar. Além de um certo ar sério que continuava a encobrir os seus verdadeiros desígnios...

A festa ou a selva? — Mastros, bandeiras, arcos, feeria de lâmpadas e foguetes não são o bastante para se fazer uma festa. Quando aqueles que povoam o recinto são hienas ou chacais, são víboras ou lacraus, são corvos ou aves de rapina, a festa transforma-se em selva. E a alegria transforma-se em terror.

Foi a lei da selva que imperou, foi o terrorismo, o crime, o arraial dos corrécios, dos salteadores, dos incendiários, dos iconoclastas, dos facinoras de primeira categoria, independentemente das centenas de oleirenses e forasteiros que vieram apenas para se divertirem.

Assaltar, destruir, incendiar, leiloar o que não é seu, apropriar-se do alheio, violar o domicílio e a intimidade de outras pessoas, subornar, deixar-se corromper, profanar, caluniar, mentir às escâncaras, intimidar, agredir, apoiar o saque, incitar à violência, quando há meios de a evitar, tudo isto será apenas um engano, uma falta venial, uma mancha minúscula que qualquer tira-nódoas facilmente apagará?

Engana-se quem pretenda persistir no engano! Não é preciso arregalar os olhos para ver que se trata de terrorismo a sério, num país onde ainda se não encontrou a justiça que saiba puni-lo, mas onde ainda quem poderia reprimi-lo se conclui com quem o pratica!

G.N.R. de Lamas — Acção ou inoperância?

Actuação meritória a da G.N.R. para a Dona Comissão de Festas, que lhe deve estar muito reconhecida:

— Antes do assalto, preocupa-se em afastar de junto da residência paroquial pessoas afectas ao pároco;

— Apesar de alguns guardas estarem a menos de 50 metros quando se iniciou o despejo do recheio da habitação, nenhum correu a intervir, quando ainda era reduzido o número de assaltantes;

— Apesar de instados por al-

guns elementos da população para que cumprissem o seu dever, permaneceram inactivos e sorridentes;

— Desprezando o que se estava a passar ali perto, à vista de toda a gente, preocuparam-se mais em prender o sr. Juveniano Pereira Mendes, que apenas lhes fez um reparo pela sua inacção. Agrediram-no violentamente e, numa distância de mais de um quilómetro, o foram conduzindo e esmurcando, até que desmaiou, só vindo a recuperar os sentidos no hospital de Espinho;

— Já de madrugada tinham utilizado idênticos processos de violência com um indivíduo que cometeu o único crime de, tal como muitos outros àquela hora e naquele local, ter passado nas imediações da igreja;

— O incêndio dos haveres paroquiais pode processar-se livremente, com evidente desprezo da G. N. R. em serviço pela manutenção da verdadeira ordem e segurança de bens e pessoas.

Parabéns!

Junta de Freguesia — metida até aos joelhos ou até ao pescoço?

Chegou aos jornais um esclarecimento bastante escurecedor da actuação neste processo da Junta de Freguesia e principalmente do seu presidente, sr. Américo Ferreira Lopes, antigo guarda-redes do F. C. do Porto, que não quer que ninguém veja que:

— tem sido flagrante a ingerência da Junta e Assembleia de Freguesia nos assuntos religiosos da paróquia, a merecer o necessário inquérito, por clara infracção do Art.º 41.º da Constituição;



— no seu esclarecimento, a Junta pretende ilibar-se de qualquer responsabilidade nos acontecimentos, apesar de o seu Presidente vir a admitir há já algum tempo a possibilidade de mortes para o dia da festa e apesar das reuniões suspeitas de vários elementos seus e da Assembleia, para as quais não são convidados todos os seus membros (como no dia 17 à noite, não é? Ou como no próprio domingo da festa, em que se reuniram com a Comissão de Festas, mesmo antes dos incidentes. Ou será que toda a gente em Oleiros sofre de miragens?);

— a Junta diz ter estado presente com a única intenção de acalmar os ânimos e tentar impedir desmandos». A prová-lo, temos o sr. Américo Lopes: 1.º — a arrombar uma porta da residência paroquial; 2.º — a apoiar cá fora cada barbaridade praticada; 3.º — a ameaçar e a agredir quem contra ele se insurgia, como

continua na página 4



QUINTA - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

SEXTA - Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092

SÁBADO - Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

DOMINGO - Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331

SEGUNDA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

TERÇA - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

QUARTA - Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092

TRABALHO

CORTICEIROS: UM COMPASSO DE ESPERA

Não são ainda conhecidas as consequências directas ou indirectas da paralisação que em Julho último envolveu a maioria dos trabalhadores corticeiros da região. Para já há conhecimento de que algumas empresas têm levantado inquéritos disciplinares a trabalhadores e que numa delas (precisamente a **Manufacturas Lusitânia**, onde a greve se iniciou) mais de uma dezena de trabalhadores recebeu nota de culpa. Estas atitudes que podem levar a temer tentativas de despedimentos (que não se verificaram entretanto) poderão pelo contrário, servir para atemorizar os trabalhadores. Esta segunda hipótese não é de desprezar tanto mais que é sabi-

do que está em negociações o novo Contrato Colectivo de Trabalho, que foi um dos principais motivos da última greve e não será de admirar que com estes processos o patronato procure influenciar o rumo das negociações. Estas negociações encontram-se praticamente suspensas pelo período de férias ainda a decorrer.

Sendo por isso prematuro fazer o balanço da luta dos trabalhadores corticeiros, a verdade é que, por outro lado, as próximas semanas poderão acrescentar bastantes dados a este período de pouca movimentação e são aguardadas com certa expectativa por todo o sector corticeiro.

DE SEMANA A SEMANA

O SEGUNDO PACOTE

continuação da página 1

Que benefícios advirão então dos sacrifícios a que nos vão sujeitar? Não os conhecemos.

Mas alguém lucrará com estas medidas e com a situação para onde nos arrastam? Não o sabemos. Mas não vai ser, isso é certo, o povo trabalhador, que vai ter de suportar o aumento dos preços, a inflação galopante, o desemprego. Não vai ser esse povo,

que cada vez vai sentir mais que o dinheiro que ganha cada dia vale menos e que, por isso, vai ter de limitar os desejos de bem-estar até ao nível da subsistência. E não vão ser também os pequenos industriais e comerciantes que, além do mais, vão sofrer também as consequências da diminuição do poder de compra da grande maioria dos portugueses.

Quem lucrará então?

RIFAS DA NASCENTE

Extracção de 25-8-77

471	1.000\$00	Peixaria Central
071	100\$00	Catolino Alves Correia
171	100\$00	Avelino Conceição Vaz
271	100\$00	Nascente
371	100\$00	Alberto da Silva Pereira
571	100\$00	José Rodrigues Carvalho
671	100\$00	Manuel Marques Costa
771	100\$00	Ana Maria Faustino
871	100\$00	Nascente
971	100\$00	Laurinda Celeste F. Neves



Pá velha

Confeitaria * Charcutaria

Especializada em **caladinhos - raivinhas - fogaças** (fabrico diário)

Ângulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

GAZETILHA

MUSA... EM FÉRIAS

*Tu, que estudando saltaste
As barreiras do teu «ano»,
Goza as férias que ganhaste,
Como é justo, certo e humano.*

*Ô ricas férias de Agosto,
Quem as tem, chama-lhes suas!
Tempera-as segundo o gosto,
Ou «bem passadas»... ou cruas.*

*O nosso mundo começa
Cá dentro da nossa porta;
Mas foi feito tão à pressa
Que o médico pensa que aborta...*

*Pisca à esquerda, pisca à direita...
Não é por muito piscar
Que a «viatura» se ajeita
Para o «trânsito» aguentar!*

*Férias pra tudo e pra todos,
Férias pró rico e pró pobre,
Férias... pra levar, a rodos,
O lixo que as ruas cobre!*

*E férias para a tragédia
De sangue — na rodovia:
Mortos que já vão na média
D'uma dezena por dia!*

*— Praia de Espinho — sem par:
Tanto calháu, pôs-te feia;
Venha um milagre trocar
Pedregulhos por areia!*

*Rio Largo, ainda à solta
Com teus bacilos e lama:
— Vê se vais... «dar uma volta»,
Pra te «mudarem a cama»!*

Alberto Barbosa (BEKA)

TERRORISMO em S. Paio de Oleiros

continuação da página 4

quando deitou as mãos ao pescoço do sr. Mário Gomes de Sá. E aquela senhora de 73 anos de idade que foi derrubada por outro elemento da Junta estaria acaso a preparar-se para cometer algum desmando?

Na boca de indivíduos desta estirpe tudo é possível menos a verdade.

Da Imprensa — Mentiras ou anedotas?

De entre o reduzido número de jornais que não condenaram a violência ocorrida em Oleiros ou que falsearam a verdade dos factos, transcrevemos passagens elucidativas da sua falta de informação ou da sua pretensão de deturpar:

— «Como é sabido estas festividades são o lume dos olhos do povo não só daquelas terras fei-renses, como de todo o Minho». («O Diabo» de 23 de Agosto de 1977).

— «Factos lamentáveis, ocorridos na tarde de domingo, em S. Paio de Oleiros, concelho de S. da Madeira... terminada a procissão, dezenas de pessoas, como

que combinadas, assaltaram a residência paroquial, começando, se referiu, por arremessar todos os pertences que lá se encontravam e finalizando por lançar fogo ao edifício, o que deu como resultado as labaredas deixarem só as paredes do edifício, em pé». («O Diabo» de 23 de Agosto de 1977).

Sublinhados nossos para as asneiras de calibre.

Manuel Lima Bastos

ADVOGADO

Escritórios:

Largo de Camões — Telefone 96281

VILA DA FEIRA

Residência:

Av. 24 n.º 245-1.º — Tel. 922904

ESPINHO

MARÉ VIVA
O JORNAL DA REGIÃO

PARQUE INFANTIL

continuação da página 1

tempo fomos encontrar dezena e meia de petizes que com o seu habitual bulício enchiam o parque de sons, de vida, de alegria. Os baloiços, balancés e escorrega eram palco de arrojadas acções, de equilibrismos ousados, de movimentação saudável e alegre.

«Sempre que está tempo bom venho para aqui todas as manhãs». — Começou por nos dizer a Margarida Sá, de 11 anos, uma miúda com umas ideias já muito adultas, como o leitor poderá verificar. «Moro aqui perto, na rua 25, portanto é só um saltinho! Pena é que os meninos da parte sul e norte da cidade não se possam deslocar até aqui, nem tenham outros parques à sua disposição.

Este parque não é nada mau, mas creio que a parte reservada à criança poderia ser mais limpa, mais cuidada. E aqui também se poderá fazer como em Lisboa, onde já vivi, em que ao lado dos baloiços e escorregas, havia animação cultural do género fantoches, biblioteca. Creio que seria bom também haver uma pessoa que nos orientasse nos nossos divertimentos, embora sem «mandar» em nós.

Durante o Inverno, se o parque estivesse aberto, eu com certeza viria cá nos dias de bom tempo. Poderia estar aberto aos fins-de-semana, por exemplo.

E mais não pedimos à Margarida. Foi mais que suficiente!

O Miguel Angelo, de 8 anos, irmão da nossa primeira entrevistada, também tinha algo a dizer:

«Acho que este Parque é «mais ou menos». Devia haver alguém que nos ajudasse a empurrar os baloiços e que ao mesmo tempo não deixasse que os outros meninos empurrassem com muita força!

No Inverno vinha para aqui nos dias de sol, se o Parque abrisse».

Lá foi o Miguel a correr para os baloiços. Ouvimos ainda o Fernando Jorge, de 10 anos, que embora não sendo de Espinho, quis dar a sua opinião sobre o Parque:

«Não é muito bom. Podia ter mais baloiços, mais escorregas (uns para os pequenos, outros para os grandes), argolas e outros aparelhos.

Além disso há sempre pessoas que não nos deixam brincar à vontade, sempre com medo que façamos asneiras.

Podia ainda estar um bocadinho melhor arranjado».

Deixamos o Fernando e fomos ouvir um dos adultos que sentados nos bancos observavam os movimentos da petizada. Escolhemos a sra. Jenny Leite, profissional de informática, que tinha debaixo de olho os seus sobrinhos, enquanto saboreava a amena temperatura do Parque.

«Eu não sou de cá; resido em Paris. Portanto não me poderei referir aos problemas locais em relação ao número de parques.

Quanto a este que conheço, acho-o muito bom em arborização. A parte reservada às crianças é que deveria ser mais cuidada: com mais relva, embora a areia também seja agradável

MOÇAMBIQUE: Verdades e Mentiras

continuação da página 1

junto dos nossos leitores a verdade de uma situação que tem sido constantemente deturpada.

Sabemos que estiveste em Moçambique ainda em plena época colonial. Quais as impressões que colheste nesse teu primeiro contacto?

— Uma das coisas que dificultam as relações entre Portugal e esses países é que muitas pessoas aqui ainda não querem aceitar o facto da sua independência. Não aceitam mesmo que essa independência era inevitável. Compreendo que essas pessoas, mais influenciadas pela propaganda colonial fascista, tenham dificuldade em aceitar esses factos porque também eu, quando fui para Moçambique pela primeira vez, em 1973, tinha uma concepção muito errada do que significava a posse das «provincias ultramarinas» que eu nessa altura considerava como tais.

O facto é que fui lá encontrar uma situação de opressão e humilhação das populações locais que muito me impressionou. Nessa altura apenas conheci o Sul. Aí, e de uma forma geral, os negros eram tratados como inferiores, como servos, tal como ainda acontecia em Portugal, na década de 50, com os criados e lavradores-rendeiros que estavam económica e socialmente dominados pelos respectivos senhores. Já não era vulgar bater-se nos criados ou fazê-los passar fome, como acontecia anteriormente, mas a sujeição das populações era evidente. E embora existissem, evidentemente, classes sociais, na maior parte dos casos as diferenças sociais coincidiam com a diferença de cor.

Existia um desejo de independência partilhado por colonos e colonizados embora, claro, com objectivos diferentes.

Todos estes aspectos analisados do meu ponto de vista de europeu me faziam prever violentos conflitos sociais e raciais no dia em que a inevitável independência chegasse. Nunca pensei nessa altura que a Frelimo pudesse ter já as populações enquadradas na própria capital como de facto tinha, o que veio a confirmar-se

para os miúdos, e mais limpa.

Era realmente óptimo que estivesse aberto no Inverno, aos fins-de-semana, por exemplo. Existem muitos dias de sol nessa estação que poderiam ser bem aproveitados.

Quanto ao problema de vigilância, a minha posição é que ela deverá ser feita sempre pelos pais. Isso não impede, contudo, a existência de um vigilante do Parque que velaria pela conservação do mesmo, pois as crianças tendem sempre a estragar».

Após estas boas litradas de ar não poluído pelos gases e pelas más-intenções, recolhemos a penas. Conclusões: as mesmas que tínhamos quando chegamos — Parque aberto todo o ano (fins-de-semana de bom tempo no Inverno), melhoria das suas condições (neste aspecto as declarações da Margarida são de sonho...) e existência de mais parques infantis na cidade. As crianças assim o exigem.

logo após o 25 de Abril. Estava ainda convencido, nessa altura, que a Frelimo era uma organização racista.

Pensei, pois, que seria perigoso permanecer em Moçambique após a independência, de forma que, quando ela foi proclamada, já eu tinha regressado a Portugal. Afinal vim a verificar que aquelas minhas previsões estavam erradas e, assim, em Outubro de 1975, contrariando os conselhos de todos os meus amigos e família de cá, deixei o meu emprego em Lisboa e regressel a Moçambique.

A FRELIMO É A MAIOR PARTE DO POVO

Achas que a população moçambicana está efectivamente mobilizada para a revolução?

— A população moçambicana não é perfeitamente homogénea dum ponto de vista sociológico e, portanto, político. Sobretudo há grandes diferenças entre as populações camponesas e as urbanas.

No ano passado, durante as actividades de férias da Universida-

de Eduardo Mondlane, participei numa brigada que procedeu a inquéritos estatísticos no interior do país. Contactámos muito de perto com as populações. Desses contactos, a maior parte das vezes conversas informais, tive que concluir que o enquadramento político era muito maior no mato que na cidade. Isso verificou-se quando, por exemplo, comunicámos a um elemento da população que no dia seguinte iríamos a uma aldeia a cerca de 180 quilómetros do local onde nos encontrávamos. Não sei como é que a mensagem lá chegou antes de nós mas quando lá chegamos a população estava já à nossa espera, recebendo-nos com grande entusiasmo e amizade. Conversamos longamente, puseram-nos problemas que discutimos com eles. Foi uma experiência extraordinária que se repetiu durante um mês, em que percorremos as províncias de Inhambane e Sofala.

Nas zonas urbanas a mobilização é mais difícil. As diferenças sociais são maiores e a influência

continua na página 6

XICONHOCA, O INIMIGO

Xiconhoca é o inimigo. De quem é ele inimigo? Das classes trabalhadoras, do Povo. Porque é inimigo? Porque tem os hábitos de assumir as atitudes e comportamento da burguesia. E a burguesia é o pior inimigo dos trabalhadores.

Determinar correctamente o inimigo, saber ver no dia-a-dia as atitudes incorrectas, intencionais ou inconscientes, é uma forma de defesa da Revolução e dos seus valores, é uma prática cujos fundos revertem a favor do Povo.

O Xiconhoca é o inimigo interno das classes trabalhadoras moçambicanas. É o personagem que através do seu comportamento, fixado em desenho, permite exemplificar os comportamentos inadequados ou indesejáveis, que se opõem ou podem causar danos ao processo revolucionário de Moçambique.

O Xiconhoca mais recente é aquele que quis ter privilégios pela sua nacionalidade. Ou que pretende arrancar do Estado os técnicos para os pôr ao serviço dos seus próprios interesses. Mas há xiconhocas de outro calibre e não menos perigosos: são os boateiros e inteligentes, os bêbados e indisciplinados, os bandidos e os corruptos, os açambarcadores e especuladores, os burocratas e os parasitas. Os que agem no seu próprio interesse e desprezam o Povo. Os que ainda se vendem ao capitalismo e ao colonialismo.



Moçambique: Verdades e mentiras

da colonização foi mais forte. A burguesia nacional instalou-se nomeadamente no funcionalismo como é normal nos países recentemente descolonizados. Essa burguesia não aceita facilmente a marcha para o socialismo.

Pensas que a mobilização das populações se manterá?

— Com certeza. Há que ver que o Partido-Frelimo funciona segundo princípios de centralismo democrático e esse método de trabalho é completado por um eficiente sistema de comunicação entre o povo e os dirigentes através de relatórios semanais que de cada aldeia e povoação são enviados pelo respectivo grupo dinamizador ao administrador do distrito. Das administrações são enviados relatórios para os governos de província, para as sedes do partido e para o governo. Há sempre uma dupla informação: a que vem pela via administrativa e a que vem pelas estruturas partidárias.

Por outro lado, os dirigentes reúnem muito frequentemente com as populações de modo a ajudá-las a chegar à solução dos seus próprios problemas e a controlar os grupos dinamizadores. Os casos que não podem ser resolvidos localmente sobem até às estruturas mais elevadas.

Acontece ainda que a própria separação entre a Frelimo e o povo que está implícita na tua pergunta é falsa. De facto os contactos que tive com as populações, nomeadamente no mato, mostraram-me que lá a Frelimo é a maior parte do povo. As informações que alguns colegas me deram sobre as zonas que eles visitaram confirmam a minha opinião. Os grupos dinamizadores são formados por elementos da população e quando actuam incorrectamente são severamente criticados. Isto é relativamente fácil porque as diferenças sociais, que se baseavam sempre nas diferenças económicas, quase não existem. Nas cidades é mais difícil. Aí é que podem surgir os burocratas, a corrupção do compadrio, o apetite de poder. As grandes diferenças de ordenados que ainda existem facilitam a existência de ambições e que surjam desejos de carreirismo e de manifestação de diferenciação social. Aqui é mais difícil enquadrar as pessoas que entram nesse rumo. Daí que a Frelimo enquadre principalmente as populações mais desfavorecidas. Isso é quase automático porque as pessoas que têm tendência a aburguesar-se demarcam-se espontaneamente do partido, faltam a reuniões, actividades culturais, etc. Mas a Frelimo não obriga as pessoas nem as pune por não participarem em actividades do par-

tido, tenta convencê-las a participar através da persuasão. Daí que semanalmente haja sessões de estudo político em todos os serviços públicos e empresas privadas, normalmente aos sábados de manhã, para as quais as pessoas são convidadas.

A SITUAÇÃO DOS PORTUGUESES EM MOÇAMBIQUE

Como encara a população as relações com os portugueses?

— A Frelimo teve sempre cuidado de distinguir os portugueses que são considerados amigos, dos colonialistas, inimigos do povo moçambicano. Evidentemente que de início foi muito difícil para alguns elementos da população compreender esta distinção, que actualmente já é bem compreendida. Os portugueses que querem continuar em Moçambique são considerados como amigos, estrangeiros amigos. Pode haver um ou outro moçambicano que considere desfavoravelmente os portugueses mas isso é raro.

Então como explica a recente expulsão de portugueses?

— A medida que referes não vi, sou intencionalmente os portugueses. O que de facto aconteceu é que muitos indivíduos começaram a mudar de nacionalidade, na maior parte dos casos adquirindo a nacionalidade portuguesa, a fim de poderem transferir dinheiro para o estrangeiro. Havia mesmo muitos que vendiam no mercado negro os cheques da transferência. Também aconteceu que muitos tiravam cursos de formação à custa das empresas em que trabalhavam e depois mudavam de nacionalidade e abandonavam o país. Isto tudo começou a dar escândalo. Daí que o governo decidisse expulsar todas as pessoas que sendo filhas de pai ou mãe nascido em Moçambique tivessem mudado de nacionalidade mais de três meses após a independência.

A maior parte das pessoas abrangidas tinham adquirido a nacionalidade portuguesa. Por isso é que cá se falou na expulsão de portugueses. Mas também foram expulsos indivíduos que adquiriram a nacionalidade chinesa, paquistanesa ou indiana, por exemplo. Li no «Jornal» que havia acampamentos de expulsos à volta do aeroporto à espera de embarcarem. Ora isso é mentira. As pessoas tiveram um prazo de 60 dias para abandonar o país. Só em Quelimane e Nampula é que o prazo foi de alguns dias.

Evidentemente que foram atingidas por esta medida algumas pessoas que teriam mudado de nacionalidade sem aquelas intenções oportunistas, mas é difícil saber-se quais foram as intenções das pessoas em cada caso particular. No entanto, muitas pediram para

ficar e ficaram. E o caso daquelas a quem foi autorizado tornarem-se outra vez moçambicanas ou então continuarem até ao fim do contrato, ou ainda ficarem a trabalhar sem direito a transferir, etc. Estes casos foram estudados um a um.

E quanto às relações brancos-negros, isto é, existem atitudes de racismo?

— O Partido-Frelimo é vigorosamente anti-racista. Aliás desde o comité central até aos grupos dinamizadores há brancos, indianos e negros. A nível de população já foram frequentes atitudes de racismo logo após a independência. Actualmente pode acontecer uma vez ou outra mas são muito raras.

IV Torneio da Costa Verde

E lá chegou o almejado espectáculo ainda que, revestido de carácter particular, sem os atributos emocionais das provas «a sério». Mesmo assim, muito público, ansioso por testar a nova formação espinhense agora em confronto com os «grandes senhores» do futebol português, muitas cogitações, muitos pensamentos azedos, muitos desesperos prematuros, sem se dar tempo a que preparação dê os seus frutos, esquecendo que a equipa não tem a rodagem de outras formações, esquecendo que «Roma e Pavia não se fizeram num dia»!

1.ª JORNADA

BRAGA, 1 — BOAVISTA, 0

BRAGA — Conhé; Mendes, Serra, Ronaldo (Fernando) e Cardoso; Pinto (cap.), Lito e Paulo Rocha; Chico Gordo, Rodrigo e Nelinho (Chico Faria).

BOAVISTA — Serafim; Trindade (Alberto), Mário João (cap.), Artur e Austerino; Barbosa, Vitor Pereira (Gomes) e Francisco Mário; Salvador II (Lino), Moínhos e Jorge Gomes.

ARBITRO — Elísio Mota (Aveiro).

GOLO — Paulo Rocha aos 63 minutos.

ESPINHO, 1 — BELENENSES, 2

ESPINHO — Gaspar; Coelho, Gonçalves I, Raul e Amaral (Pereirinha), João Carlos, Manuel José (cap.) e Acácio; Canavarro, Reis e Malagueta (Zezinho).

BELENENSES — Rui Paulino; Sambinha, Luís Horta, Alinho e Carlos Pereira; Eurico, Isidro (Norton de Matos) e Esmoriz;

CINEMA

continuação da página 3

Dia 5, segunda-feira

«O regresso da 7.ª Companhia»

Para maiores de 10 anos

Uma inofensiva comédia que poderá servir de motivo para merecidos momentos de descontração, ainda que a qualidade não seja muito abundante.

Dia 7, quarta-feira

«Mete o teu Diabo no meu Inferno»

Para maiores de 18 anos

Caramba, os nomes que chamam a coisas tão diversas! «Vade retro, Satanás»!

Artur Jorge (Amaral), Clésio e Vasques (cap.).

ARBITRO — Sá Coelho (Aveiro).

GOLOS — 1-0: Canavarro fugiu pela direita, centrou e REIS oportuno, anichou a bola nas redes.

1-1: Bola cabeçada por Alinho, entra com todas as culpas para Gaspar.

1-2: CLÉSIO obtém o segundo golo da sua equipa com a colaboração da defesa espinhense, cometendo Gaspar nova fífla.

JOGO ENTRE VENCIDOS

ESPINHO, 1 — BOAVISTA, 1 (penalties: 3-1)

ESPINHO — Barrigana; Coelho, Gonçalves, Raul (Pereirinha) e Amaral (Gomes); João Carlos, Manuel José e Acácio (Sabença); Canavarro, Reis e Malagueta (Zezinho).

BOAVISTA — Serafim; Amândio, Mário João, Artur e Alberto; F. Mário, Barbosa e José Manuel; Jorge Gomes (Salvador II), Moínhos e Gomes.

ARBITRO — Pinto da Costa (Aveiro).

GOLOS — Moínhos (36 m) e Canavarro (77 m).

FINAL

BRAGA, 3 — BELENENSES, 1

BRAGA — Conhé; Artur, Serra, Fernando e Vilaça (Cardoso); Pinto, Chico Faria (Chico Gordo) e Garcia; Lito, Rodrigo e Nelinho.

BELENENSES — Rui Paulino; Sambinha, Luís Horta, Alinho e Carlos Pereira; Eurico (Lima), Norton de Matos e Esmoriz; Artur Jorge, Clésio (Amaral) e Vasques (José Maria).

ARBITRO — Castanheiro Grilo (Aveiro).

GOLOS — Lito (44 e 48 m), Artur (60 m) e Artur Jorge (61 m).

MARÉ VIVA

PRECISA DA SUA CRÍTICA

BAPTISTA

MÓVEIS E DECORAÇÕES

Rua 20 n.º 528

ESPINHO

Modas

MENDES

Lanifícios

Rua 16 n.º 683

Telef. 920168 ESPINHO

ISAURA

CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752 — ESPINHO



OUVINDO O TREINADOR



Mário Morais

Mário Morais continua no Sporting de Espinho! Trabalhando afinadamente, incutindo-lhe as características a que já nos habituamos e que produziam os seus frutos.

«Em relação à época que se avizinha, embora reconheça ser uma tarefa bastante difícil, se atendermos ao trabalho que estamos a desenvolver, à maneira extraordinária como estão a corresponder os profissionais, levante-me a pensar que o Espinho se pode manter na I Divisão. Aliás é a ideia geral da Direcção, do departamento de futebol, dos jogadores, do posto clínico, dos massagistas, e empregados do campo. Não posso, no entanto, deixar de destacar a forma extraordinária como actua, a dedicação, o apoio prestado à equipa técnica pelo CARLOS FERNANDO (Caóca).

Começa-se a encarar a verdade que o Sp. de Espinho pode manter-se, reunindo o clube condições para se abrir a porta para voos muito altos. E faz-me pensar desta maneira, a forma como todos os assuntos estão a ser tratados. Verifica-se um «cheirinho» de organização a nível de I Divisão. Para confirmar estas palavras

está a manutenção de toda uma organização programada pela Direcção, Departamento de Futebol e Departamento Clínico, a cargo do dr. Carlos Leitão, podendo-se produzir um trabalho válido igualável ao praticado em qualquer equipa da I Divisão.

No ano passado, no que respeita ao aspecto clínico, valemo-nos dum bom profissional (Delfim) dos melhores massagistas que temos em Portugal, que conseguiu resolver os problemas dentro das suas limitações, pois não tinha as possibilidades dum médico. Actualmente estamos bem apetrechados, temos médico especializado em medicina desportiva, bastante competente, entregando-se totalmente ao trabalho.

No que respeita às possibilidades da minha equipa, não sei nem posso responder pelas outras, com os jogadores que ficaram da época transacta, com os sete novos reforços e com a possibilidade de mais três que estamos a tentar, e que não têm nada a ver com os nomes especulados nos jornais, atendendo à forma como estamos a trabalhar e se a sorte nos acompanhar estou convencido que nos manteremos na I Divisão».

UM TORNEIO, QUATRO EQUIPAS

O Sp. Braga foi o vencedor indiscutível do torneio. Dispõe duma excelente equipa e legítima boas aspirações à conquista de um lugar de acesso à Europa. É já uma equipa ligada, com uma boa defesa, um meio-campo de bons executantes e um ataque que promete dar que falar. Nelinho, com a sua velocidade e sentido de jogo, e Lito, um jovem que maravilhou o Avenida, são jogadores do melhor que há em Portugal. Parece não se ter encontrado ainda o terceiro homem, o avançado de grande-área, para o qual Chico Gordo parece mais indicado do que Chico Faria. Mas não há dúvida: este Braga vai ser um caso sério.

O Belenenses parece destinado a não fazer um campeonato muito diferente dos últimos. De relevo apenas o porte atlético dos seus jogadores, o que lhe terá permitido vencer o Sp. Espinho, com pouca justiça. Alhinho, Norton e Clésio serão os únicos capazes de sobressair na mediania a que esta equipa parece condenada.

O Boavista foi último classificado e não poderia esperar sorte muito diferente. As ausências de jogadores influentes como Carolino, Albertino e Salvador não chegam para justificar um certo ar de desilusão, que a classe do central Artur, e o valor de Nogueira e Jorge Gomes não chegara para contrariar. Estes homens e o regressado Moinhos são ainda muito pouco para se poder augurar um largo futuro a esta equipa.

Deixamos para o fim o Sp. de Espinho, e a primeira impressão é a de que ainda não há equipa. E por duas razões: porque as mexidas foram muitas e os jogos poucos e porque alguns jogadores parecem estar muito longe da forma ideal.

O lugar de guarda-redes parece ser o que dá mais preocupações: quer Gaspar, quer Barrigana, ainda muito pesados, prometem muitos calafrios para as primeiras jornadas e poderão comprometer um início de campeonato animador.

Na defesa, Coelho foi a aquisição mais valiosa. Tem bons pés, é muito lutador e terá apenas de refrear a sua vontade de fazer tudo bem e depressa para se tornar num bom defesa direito. Do outro lado, Amaral revela pouco discernimento e parece que, por agora, quer Raul, quer Gomes,

poderão dar mais confiança à equipa. A solução para os centrais parece ter de ser a mesma da época transacta, ou seja, Gonçalves e Pereirinha.

No meio campo, Acácio é um caso flagrante de falta de forma e complicação muito. João Carlos justifica já o seu lugar, enquanto que Manuel José se terá encontrado o «patrão» de que precisa qualquer equipa. Embora não pareça estar na condição física ideal mostrou ser um jogador esclarecido, com bom pontapé e exímio a passar a bola. Neste aspecto, a sua preocupação em não denunciar o passe chega a confundir os próprios companheiros, que precisarão de mais tempo para o poderem adivinhar. Meireles, que ainda não apareceu, vai ter também uma palavra importante a dizer nesta linha intermediária.

No ataque é flagrante a falta de ligação entre os seus jogadores e com os demais sectores da equipa. Para os três lugares haverá quatro hipóteses. Reis é o menos discutível, apesar de estar longe da sua forma. Malagueta está ainda na fase de fazer o melhor e o pior. Canavarro é o tipo de jogador que dá a ideia de poder fazer muitas coisas, pelos pormenores que mostra de vez em quando. Zezinho pode ser útil, é muito lutador e a sua experiên-

cia permite-lhe optar pelas melhores soluções em cada momento. Mas seja qual for o trio avançado, uma coisa é certa: tem de jogar muito afinadinho, pois não há ali o tal homem para resolver desafios.

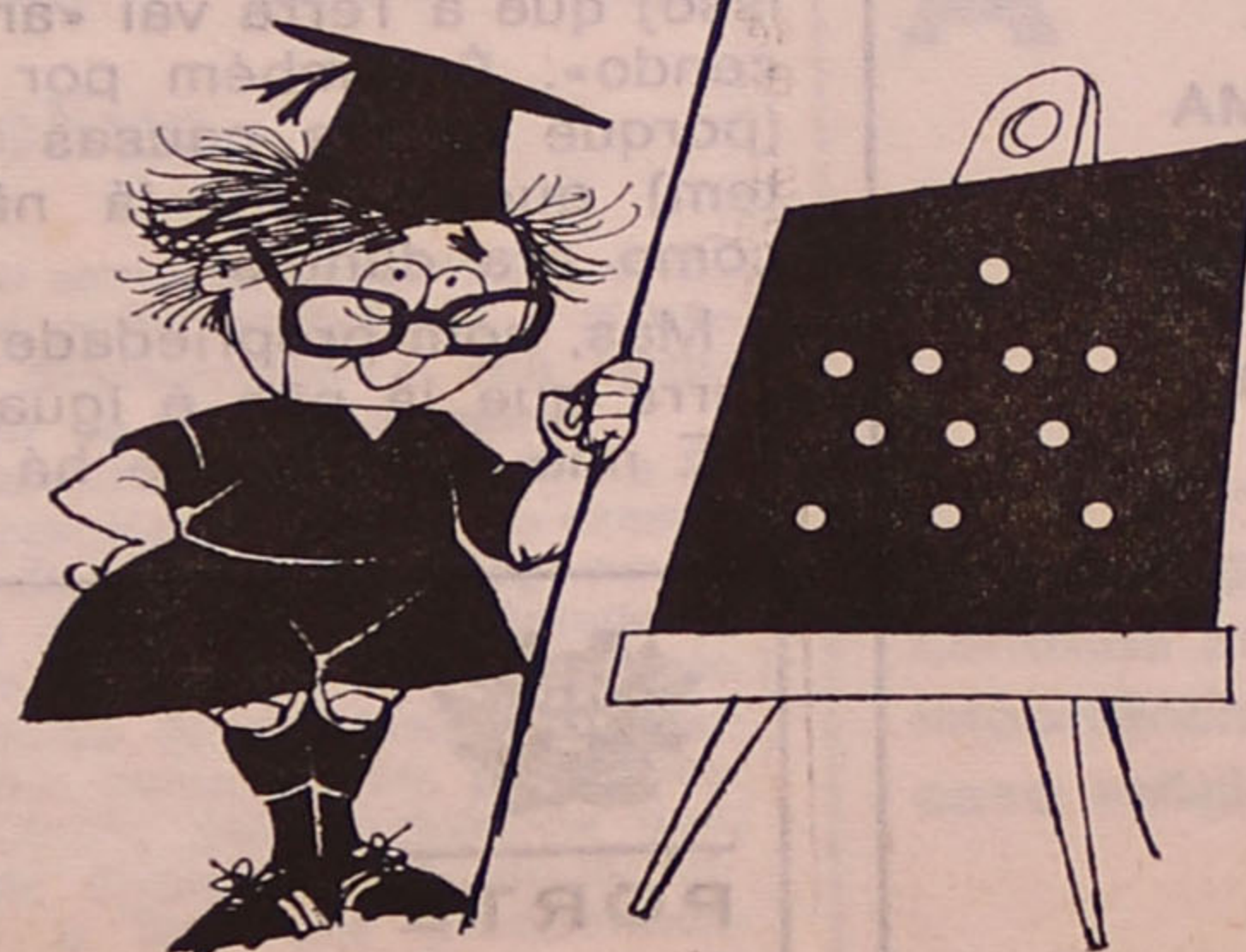
E o mesmo se poderá dizer para toda a equipa: só um colectivismo bem aperfeiçoado poderá permitir lutar de igual para igual contra as equipas da I Divisão, de que agora tivemos a oportunidade de ver um boa amostra.

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

X

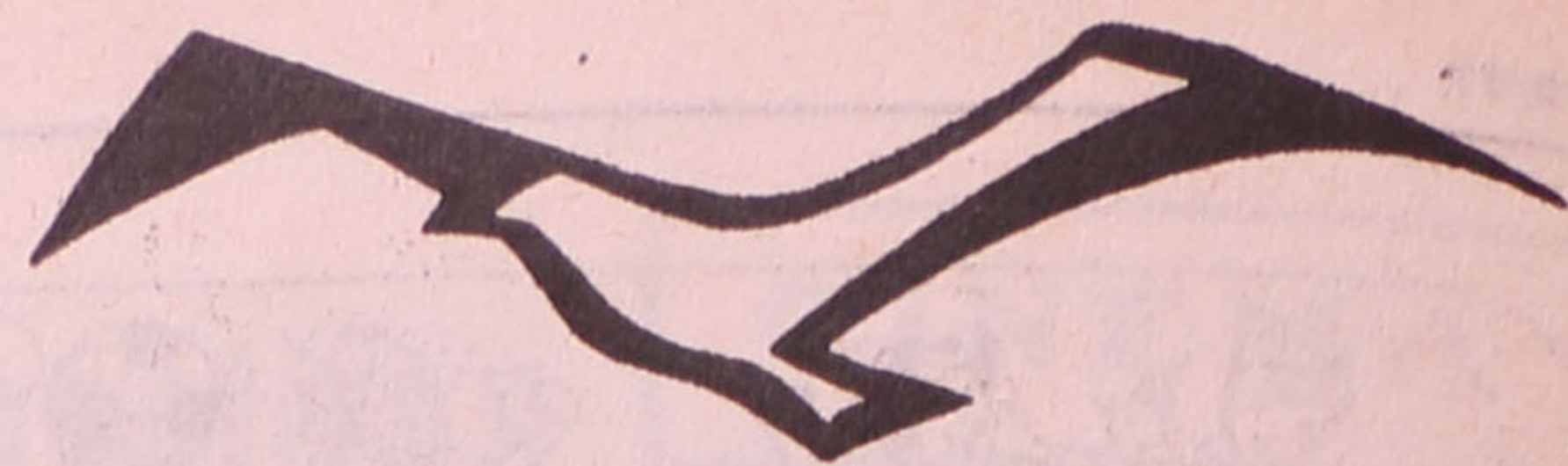


FUTEBOL de A a Z

XADREZ — Não vamos falar dos «axadrezados» (como se chama aos jogadores do Boavista, porque usam camisola aos quadradinhos pretos e brancos) nem falaremos propriamente do jogo do xadrez, tido por o jogo da inteligência sentado, mas do futebol que é, como vimos, o jogo da inteligência em movimento.

Também se chama xadrez à formação de uma equipa de futebol que tem onze elementos na versão oficial, mas terá sete ou cinco nas suas versões menores. Em qualquer dos casos, terá avançados, médios, defesas e um sujeito especial que se chama guarda-redes, tão especial que até pode jogar com as mãos num jogo de «futes» (pés) e tão «maluco» que se atira de cabeça aos pés dos adversários.

Desenho de João Martins
Texto de Carlos Pinhão



Nosso clima, nosso ambiente, nossa vida

Anda tudo desanimado com «este» Verão!

É frequente algumas pessoas dizerem: «Isto não é Verão, nem é nada!»

E há até quem venha à baila com o «Verão dos meus tempos», dizendo: «Nos meus tempos é que havia Verão!»

Essas pessoas esquecem que os tempos são de todos, não há «meus tempos» nem «vossos tempos»!

Mal vão as coisas para nós quando nos sentimos fora «destes tempos» e achamos que os «nossos tempos» eram outros...

Os saudosistas, por exemplo, se pudessem, diriam: «Nos tempos do Salazar é que o Verão era bom!» E outros, não necessariamente

saudosistas, seriam também capazes de dizer que «estas anomalias do tempo são devidas ao gonçalvismo»...

Mas como o Verão, as estações do ano, o clima, o ambiente, tudo isso são «fenómenos naturais», essas pessoas acabam por retirar das suas queixas qualquer conteúdo político...

Todavia, também neste campo, as condições atmosféricas, o clima, o ambiente, a vida é uma questão política.

Vamos ver: a vida do nosso planeta só é possível pela existência de certos factores: o ar, a água, o solo, a energia solar.

Ou seja: sem estes facto-

res de ambiente a vida é impossível neste ou noutro qualquer planeta...

Logo, atentar contra o ar, contra a água, contra o solo, contra a energia solar é atentar contra a vida! É destruir, as pessoas, os animais, os vegetais, o ambiente!

Política é preservar o ambiente!

Política é destruir o ambiente!

Há uma política que preserva. Há uma política que destrói!

A luz solar, a energia solar, movimenta, dinamiza, actua sobre todos os planetas do sistema solar.

A Terra, planeta do sistema solar, tem vida. O ambiente terrestre é condicionado pela energia solar, pela luz solar, pelo dia e pela noite, pela chuva e pelo vento, pelo Verão e pelo Inverno.

A energia solar ultrapassa os planetas, actua sobre eles e tanto melhor exerce a sua acção quanto as condições de ar, de água, de solo, melhor conservarem as suas características naturais, físicas e químicas.

Através do espaço, as características naturais dos constituintes dos planetas (e das suas atmosferas), sendo alteradas, dificultam a penetração da energia solar.

A poluição atmosférica, por exemplo, é um gigantesco «filtro», que se opõe à plenitude da energia solar. Amplas e amplas camadas de ar poluído na atmosfera terrestre, impedem o recebimento, pela Terra, da máxima energia solar possível.

É por isso (também por isso) que a Terra vai «arrefecendo». É também por isso (porque outras causas existem) que o «sol já não é como era dantes».

Mas, com propriedade, é a Terra que já não é igual.

E não o é porque há uma

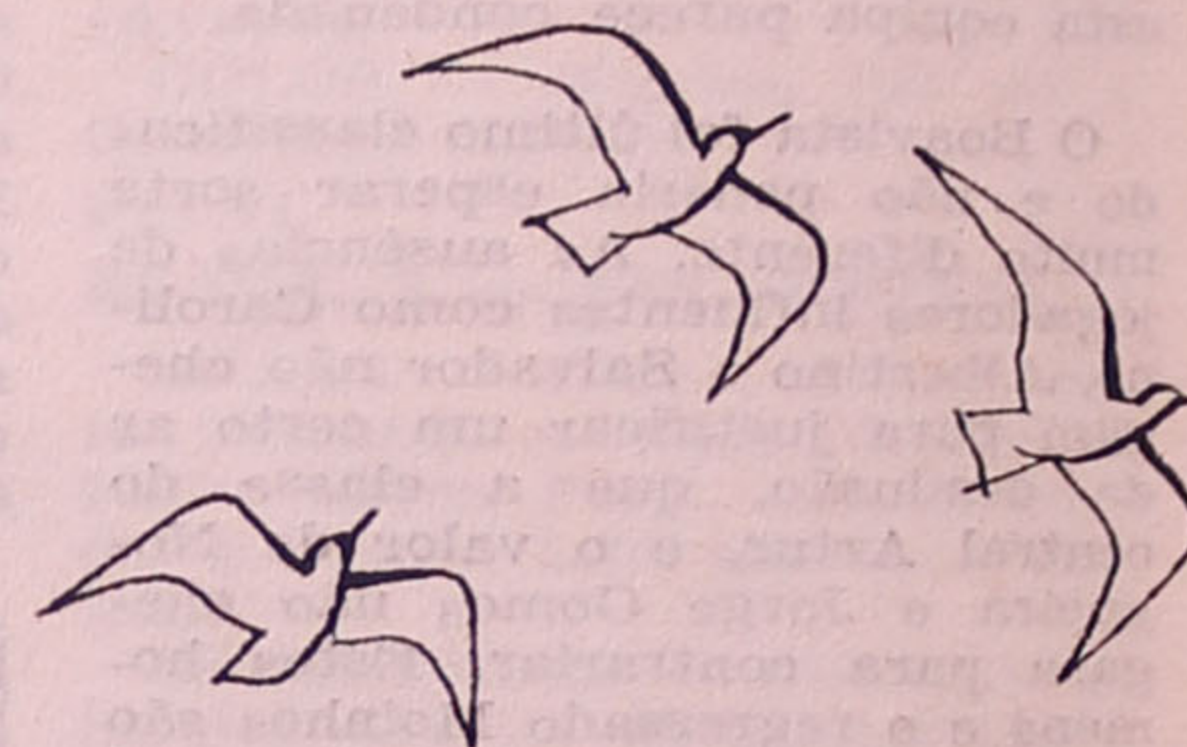
política-nova: a da destruição, a que permite a poluição, a degradação do ambiente, do mesmo modo que permite homens com fome, que permite razões para guerras injustas e criminosas.

Essa política que inventa a bomba de neutrões e que inventa sempre novas Hiroxima, novas Nagasaki, novas Minnamata. Tudo em nome do «progresso» e da «ciência» (a bomba de neutrões é o «progresso», é a evolução da «Bomba H»).

É por isso que o clima, o ambiente, a energia solar, é também uma questão política. Que se pode pôr nestes termos mas que também se pode pôr em termos opostos.

Porque há uma política que destrói o clima, que destrói o solo, que destrói as culturas (a fauna e a flora), que destrói o Homem e a vida.

Mas também há uma política que preserva o ambiente, que defende a Natureza, dando as mãos à ciência e ao progresso.



Só que, em vez das centrais nucleares utiliza a Ecologia.

E em vez das bombas de neutrões utiliza a produtividade.

Também aqui, no clima, no ambiente, é preciso optar. Tendo sempre presente que não há «o meu tempo» nem o «vosso tempo»; nem há o «meu clima» nem o «vosso clima».

Há o «nosso tempo».

Há o «nosso clima».



SOL

AR

ÁGUA

CLIMA

AMBIENTE

VIDA



PORTE
PAGO

Ilídio Martins da Silva
R: 33 -Bº Moderno-Espinho